

Enquanto o último minotauro não derramou a última gota de sangue, os humanos não deram por terminada a batalha. Não podiam permitir-se deixar um só que fosse com vida. Não. Tinham sofrido demais. O medo tinha sido em excesso. E tinham perdido demasiados combates. «Agora ou nunca», pensavam; e foi «agora». Nesse vale que se tingia de sangue como se milhões de flores vermelhas tivessem sido arrancadas das suas hastes. E foi «agora», sob aquela maré de soldados que cobria todo o Vale dos Três Rios, afogando os guerreiros minotáuricos que tentavam em vão manter-se à tona. Impossível. Eram demasiados. E tinham sido apanhados de surpresa.

Não havia um só minotauro que não tivesse consciência do seu fatal destino, nem um só que pensasse que poderia sair dali vivo. Era tarde demais para escapar, só aspiravam a morrer como tinham vivido: com honra. Porque, como rezava um antigo provérbio minotáurico, os bravos levantam-se dezenas de vezes antes de morrerem; os cobardes limitam-se a morrer.

Na retaguarda dos exércitos humanos, os Quatro Reis contemplavam os seus exércitos a devorarem as bestas minotáuricas. Estavam satisfeitos, apurando a visão para tentarem vislumbrar o que se passava ao longe, orgulhando-se da aliança que tinham formado entre eles, sentindo-se a salvo para sempre, como se depois daquele combate mais nenhum ser humano fosse algum dia morrer.

Entretanto, Kriyal, o Gen AgKlan minotáurico, defendia o seu estandarte do espírito. Não queria deixá-lo cair, não queria que o estandarte tocasse a terra, e muito menos às mãos daqueles seres sinistros, fracos e traiçoeiros. Porém, era inevitável, já não podia fazer nada. Os estandartes do espírito das outras tribos e dos outros clãs iam sendo derrubados, sucumbindo a uma derrota inevitável. Um a um, iam desaparecendo num mar de aço, engolidos pelos tempos, sem deixarem rasto.

Rezam as antigas sagas que o Gen AgKlan olhou em frente com os seus olhos diferentes, um verde e o outro vermelho. Ergueu-os para o céu, alçou a acha de guerra e derrubou o seu próprio estandarte do espírito. Depois investiu pela última vez, tirando a vida a cem soldados antes de morrer. No momento em que exalou o último suspiro, tinha doze espadas cravadas no corpo, como as feridas que Karbutanlak recebeu de Sredakal na primeira batalha dos tempos. Realidade ou ficção, o certo foi que, quando terminou o combate, não restava um minotauro de pé nem um corno nas suas cabeças. Os soldados cortavam-nos para os levarem como recordação ou para oferecerem de presente, mas sobretudo para mostrarem o seu valor, colocando-os em cima das estantes, vendendo-os nos mercados de rua. Utilizavam-nos, inclusivamente, para lhes esvaziarem o recheio e beberem por eles à vitória.

Assim aconteceu, efectivamente, uma vez que a ameaça minotáurica havia terminado para eles, que tanto sofreram, que tanto medo suportaram e tantos combates perderam. Tinha de ser agora ou nunca — foi agora.

I

PARA ALÉM
DO MAR DO ABISMO

AS ANTIGAS GUERRAS MINOTÁURICAS

Os minotauros tinham desaparecido finalmente da face da terra. Quase trezentos anos depois da Grande Vitória do Vale dos Três Rios, os homens sentiam-se vencedores e a salvo, donos de todas as terras que os deuses de Nígaron tinham criado sob o Céu Azul Eterno.

Houve contudo uma época em que os humanos tremiam só de ouvirem mencionar a palavra «minotauro». Era um tempo em que, somente para enfrentar um único guerreiro das tribos minotáuricas, era necessário um destacamento especial formado por quatro soldados apeados e dois cavaleiros armados até aos dentes que tinham de fazer uso de toda a sua coragem; ou então finas flechas de prata apontadas certeira­mente ao ponto exacto entre os dois sobrolhos do minotauro; ou ainda, quando era oportuno, abordar os minotauros por trás, sorrateiramente, aproveitando o descuido das vítimas protegidas pelas sombras da noite. Os que alguma vez utilizaram este último método tiveram de se untar primeiro com excrementos de cavalo, visto que os minotauros são dotados de um olfacto apurado capaz de captar a presença de um humano a grande distância.

Estes são apenas alguns exemplos de como os humanos tinham recorrido à mentira, à traição, ao engano e à própria humilhação quando as circunstâncias o permitiam. Mas conseguiram sobreviver. Venceram. Destruíram um inimigo mais forte do que um rochedo, do que os sagrados carvalhos milenares. Um inimigo incansável na batalha, sanguinário na vingança, inflexivelmente nobre.

Com a sua rigorosa gallardia, os minotauros nunca entenderam as argúcias e os rodeios no comportamento, nem o regateio no preço da honra. E não restam dúvidas de que pagaram caro o seu irrepren-

sível sentido do orgulho. Sim, pagaram-no caríssimo: com o desgaste constante do seu povo, com o incessante esgotamento de vidas no meio de umas tréguas que só eles respeitavam, com a vitória em batalhas atrás de batalhas para acabarem, apesar disso, por sucumbir no já mítico combate do Vale dos Três Rios.

As treze tribos minotáuricas vencidas pelos reinos humanos! Os treze estandartes minotáuricos espezinhadados, queimados, arrastados pelo pó. Arrasados. Aniquilados. Exterminados. Desaparecidos. E, trezentos anos mais tarde... esquecidos?

Ou antes: quase esquecidos.

O professor Ühr tinha-os bem presentes na memória. Não acreditava nas versões triunfalistas dos humanos. Era o maior especialista em Antigas Guerras Minotáuricas e não pensava como o resto das pessoas. Negava-se a pensar como toda a gente.

Observava a História com a vantagem que o tempo proporciona. Os anos decorridos permitiam-lhe ajuizar com objectividade, sem medo, alheio ao temor ou à superstição. Procurava separar os acontecimentos históricos da ficção constantes nos relatos lendários, e assim se aproximava paulatinamente de uma realidade que mal deixava rasto. Com o seu incrível instinto, como teria feito um autêntico guerreiro minotáurico, rastreava a História em busca da verdade dos acontecimentos.

Ühr tinha investido muito tempo e esforço em tentar compreender o grande inimigo: em reconstituir a vida nómada dos povoados minotáuricos, em conhecer os seus ritos, em traduzir a sua escrita esculpida em pedras gigantescas, em sentir o poder dos estandartes das tribos guerreiras, em conhecer os seus deuses há tanto tempo órfãos, sem uma oração que os louvasse, sem uma súplica a que pudessem atender...

À cabeça do Conselho de Sábios, tinha conseguido avanços impressionantes, como a criação do primeiro alfabeto para traduzir as sagradas Pedras minotáuricas ou o ordenamento das suas divindades por categorias de poder.

Tudo mudou da maneira mais inesperada. De repente, o rei Adhelón VI proibiu todo o tipo de investigação relacionada com os minotauros e as guerras minotáuricas, acusando seguidamente os membros do Conselho, em especial Ühr, de terem traído o espírito com que o seu pai, el-rei Arim-Adhelón, *o Comprido*, tinha criado o Conselho.

Segundo Adhelón VI, o Conselho havia-se desviado da honrosa missão que o seu predecessor lhe tinha confiado. Não se tratava, como estava a fazer Ühr, de ressuscitar os deuses dessas bestas, mas de com-

pilar toda a informação possível acerca dos heróis humanos e de classificar o folclore popular surgido em sua honra. Ora, na opinião do rei, essa linha de investigação não parecia interessar muito a Ühr.

Para Ühr, o decreto foi como uma pancada na cabeça, mas para a maioria das pessoas passou despercebido, visto que esse assunto cativava pouca gente. Os súbditos do reino de Nova Adhelonia não compreendiam que alguém se dedicasse ao estudo de umas bestas monstruosas e sanguinárias que, felizmente, já tinham deixado de existir. Ninguém duvidava de que as canções e as velhas histórias já contavam tudo o que um humano precisava de saber. E se as canções e as histórias antigas não o contavam... para que havia necessidade de se saber?

Ühr, porém, dedicara tantos, tantos esforços ao seu estudo... que a ordem real o surpreendeu, irritou e indignou profundamente. Não era capaz de compreender o repentino interesse em destruir um tipo de conhecimento tão longínquo no tempo e tão inofensivo para o poder do rei.

Ou não seria assim tão inofensivo?

Depois da publicação do decreto, Ühr começou a suspeitar de que o rei Adhelón VI e o seu inseparável Kor, o necromante, talvez soubessem mais do que ele próprio e, sem qualquer dúvida, soubessem muito mais do que aparentavam.

O que poderia, no entanto, preocupá-los tanto? Que saberiam eles que Ühr ainda não tinha conseguido descobrir? Por que razão o rei e o necromante não divulgavam os seus conhecimentos? Se sabiam efetivamente alguma coisa ou se suspeitavam de algo, poderiam partilhar pontos de vista e teorias... mas tal não acontecia.

O rei não queria partilhar nada, pelo contrário. Limitou-se, a certa altura, a mandar a sua guarda pessoal para confiscar grande parte dos materiais que Ühr tinha coligido, classificado e ordenado com tanta dedicação.

O professor, porém, era teimoso por natureza, um homem persistente e obstinado que, pelos vistos, concentrara na sua vontade toda a força que, aparentemente, lhe faltava no corpo seco encimado por um rosto sempre sério e emaciado, como se um ataque de fome o afligisse constantemente. Por isso, apesar das advertências e das intimidações, continuou a investigar. Com cautela e prudência, tomando as suas precauções. Para sua grande, enorme surpresa, conseguiu por fim encaixar todas as peças de uma desconcertante teoria que explicava na perfeição o repentino medo de Adhelón VI.

A versão oficial tinha sempre apresentado a Grande Vitória do Vale dos Três Rios como a maior gesta da humanidade. Os acontecimentos podiam resumir-se assim: os Quatro Reis humanos tinham investigado e descobriram o lugar onde estavam reunidos todos os minotauros para celebrarem o Jugh-I-Del, a cerimónia que, de oitenta em oitenta luas negras, denominação minotáurica para a lua nova, reunia as treze tribos com a finalidade de honrarem o deus Karbutanlak, Primeiro Guerreiro e criador da Terra.

Contando com a vantagem do factor surpresa, os Quatro Reis atacaram com todas as forças e armamento de que dispunham. Homens, mulheres e crianças, desde que se pudessem manter de pé, acorriam à peleja.

De acordo com as sagas antigas, a batalha foi digna dos dois filhos do deus supremo Kia-Kai, criador dos primeiros deuses minotáuricos. Dizia-se que o vale ficou encharcado de sangue, que um guerreiro que tropeçasse poderia morrer afogado no lago vermelho que se ia formando junto dos dois exércitos e que os três rios do vale se transformaram em veias abertas no braço da terra. Dizia-se também que as centelhas soltas pelas espadas que se entrechocavam iluminavam a noite, assim como pelos cornos cortados rentes e pela força dos homens inspirados pelos próprios deuses de Nígaron que, naquela noite, ajudaram os homens na Terra... Pois é, muitas coisas se contam e muitas outras se cantam nos festejos que, ano após ano, comemoram a Grande Vitória do Vale dos Três Rios.

Ûhr tinha a leve suspeita de que a realidade tinha sido muito diferente. Para começar, parecia-lhe ilógico que os homens, mesmo que o seu número fosse o triplo, tivessem podido derrotar as treze tribos. Também se lhe afigurava ilógico que os minotauros tivessem sido tão descuidados que se deixassem surpreender com tanta candura. Em boa verdade, nunca se conhecera, nem por acaso, o lugar das celebrações do Jugh-I-Del. Como poderiam então os Quatro Reis descobri-lo? Além disso, segundo algumas inscrições que tinha traduzido, no Jugh-I-Del não participava toda a população dos minotauros, como sempre se acreditou: apenas mereciam essa honra os chefes e os que iriam ser nomeados novos guerreiros das tribos.

De dia para dia, o professor ia ficando cada vez mais convencido de que os minotauros, antes da batalha, quiseram propor um tratado, uma trégua. Uma solução que não significasse o desaparecimento de uma das duas espécies. Os reis antigos, porém, aproveitaram a situação para emboscarem o inimigo numa ratoeira mortal.

A teoria de Ühr não se ficava por aqui. Pensava também que pelo menos quatro das treze tribos não haviam seguido Kriyal, eleito Grande Guerreiro pelos treze chefes.

Os dissidentes acusaram-no de ter ilusões por acreditar que os humanos iriam respeitar um tratado de paz quando antes nunca tinham respeitado mais do que a sua própria sobrevivência. Pela primeira vez em toda a terceira eternidade minotáurica, as treze tribos separavam-se do corpo de Karbutanlak.

As quatro tribos rebeldes teriam partido em busca da primeira terra, lugar onde, segundo as lendas minotáuricas, se encontrava cravado o corno de Sredakal, gémeo de Karbutanlak, como símbolo da vitória deste último na luta que durante as duas primeiras eternidades dos tempos os tinha oposto num confronto de morte por amor da bela deusa Miomene.

A teoria do doutor era arriscada, sem dúvida. Não havia um único humano que não soubesse que, para além do mar do abismo, só existia a escuridão protegida por demónios e monstros que apenas deixavam entrar os mortos. A porta de Nígaron...

Ühr não acreditava muito nos deuses de Nígaron nem em nada parecido, por isso considerava provável que para lá do mar do abismo existisse uma terra verde e fértil em que os quatro estandartes ondeassem ao vento esperando o momento de se vingarem da traição.

Se isso fosse verdade, trezentos anos depois da Grande Vitória do Vale dos Três Rios os humanos não estavam totalmente a salvo, e as guerras minotáuricas não eram uma coisa tão antiga como toda a gente pensava.

Nesse momento, o professor Ühr regressava de uma extraordinária viagem que o tinha afastado de casa durante vinte e três dias. O seu filho Yaruf já se tinha deitado e Harat, a ama-seca do menino, estava muito preocupada porque o professor não tinha dado sinais de vida durante todo esse tempo. E aqui começa esta incrível aventura que tem como grande protagonista...